

A VARIAÇÃO *NÓS* E *A GENTE* NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA FALA DE CRIANÇAS DA CIDADE DE MACEIÓ/AL

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

Resumo: Descrevemos e analisamos as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. Para tanto, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]), associados a estudos linguísticos sobre a representação da primeira pessoa do plural (OMENA, 1996; 2003; LOPES, 1998, 2004, 2012; ZILLES, 2007). Para a descrição e análise dos dados, não só recorremos ao banco de dados do Projeto LUAL e analisamos uma amostra sincrônica composta da fala de 64 crianças, como também utilizamos o programa GOLDVARB X para a análise estatística dos dados. De acordo com os dados analisados, obtivemos um percentual de 83% de *a gente* contra 17% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e sexo.

Palavras-chave: Pronomes pessoais. Variação linguística. Língua falada.

Abstract: We describe and analyse the achievement of pronouns *nós* e *a gente* at noun position in the children's speech at the City of Maceió. For this propose, we follow the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Change (LABOV, 2008 [1972]), associated to linguistics studies on the representation of first person plural (OMENA, 1996; 2003; LOPES, 1998, 2004, 2012; ZILLES, 2007). To describe and analyse the data, we do not only appealed to Projeto LUAL database and we analyse a synchronic sample composed by the speech of 64 children, as well as we use the software GOLDVARB X to the statistical analysis of data. According with the analysed data, we obtain a percentual of 83% of *a gente* against 17% of *nós*, and that variation is conditioned by variables morphemic mark, formal parallelism, noun filling and gender.

Keywords: Personal pronouns. Linguistic variation. Spoken language.

Introdução

Tendo em vista que a língua a qual a criança está exposta é variável, logo, não é possível crer que a criança ignore inicialmente tal variabilidade para depois adquiri-la (ECKERT, 1998), descrevemos e analisamos as realizações das formas pronominais *nós* e *a*

· Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e professora do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão – UFAL, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

gente na posição de sujeito na fala de crianças maceioenses, com o intuito de verificar a frequência de uso desses pronomes e os grupos de fatores que condicionam essa variação.

Para tanto, recorreremos aos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]), que põe em destaque a variação como um axioma, considerando que toda língua é dotada de uma heterogeneidade ordenada e consideramos os estudos de Omena (1996, 2003), Lopes (1998, 2004, 2012), Seara (2002), Zilles (2007), Maia (2009), Brustolin (2010) os quais mostram que, nas variedades do português brasileiro, *a gente* é a forma pronominal preferida.

Para a descrição e análise dos dados, propomos as seguintes questões, a saber: há a variação do pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de crianças maceioenses? Supondo que haja variação, com que frequência essas formas pronominais ocorrem na comunidade estudada? Considerando a existência de variação, que grupos de fatores linguísticos e/ou sociais condicionam as realizações dessas formas pronominais?

Nosso ponto de partida é o de que há a variação *nós* e *a gente*, uma vez que a variabilidade observada na fala de crianças é, em parte, estruturada e essa sistematização está alinhada ao *input* que a criança recebe, ou seja, a variação na fala da criança está ligada à variabilidade na fala do adulto (LABOV, 1989; ROBERTS, 1994, 2002), logo, *a gente* será o pronome selecionado, sendo tal variação condicionada pelas variáveis preenchimento do sujeito, marca morfêmica, paralelismo formal, tempo verbal, saliência fônica e sexo.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os trabalhos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa, em seguida, apresentamos as considerações metodológicas que nortearam este estudo e, por fim, descrevemos e analisamos os resultados obtidos, mostrando, primeiramente, os dados da variável dependente e, em seguida, os grupos de fatores estatisticamente significativos.

Sobre *nós* e *a gente* na posição de sujeito

O quadro tradicional de pronomes pessoais apresentado na maior parte das gramáticas brasileiras e na maioria dos manuais didáticos que servem de modelo para o ensino de língua portuguesa elege apenas o pronome reto *nós* e os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* para a referência à primeira pessoa do plural, aparecendo a forma pronominal *a gente* e suas variantes, consagradas pelo uso linguístico, em notas de rodapé ou em comentários adicionais, relacionadas sempre ao uso da língua falada ou ao uso da linguagem coloquial.

No entanto, a implementação da expressão *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, segundo Lopes (2002; 2004) e Omena (2003), iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde o traço formal de número com o passar do tempo, perde o traço formal de gênero [+ feminino], passando a se relacionar a adjetivos no masculino ou feminino e ganha o traço [+ pessoa].

Encaixada no sistema linguístico do português brasileiro, a forma inovadora *a gente* varia com a forma padrão *nós* para a referência à primeira pessoa do plural tanto na posição de sujeito, como em *nós estudamos sintaxe / a gente estuda sintaxe*, quanto nas posições de complemento e adjunto, como em *o menino nos atendeu / o menino atendeu a gente* e *o trabalho foi um sucesso nosso / o trabalho foi um sucesso da gente*.

Em relação à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, estudos sociolinguísticos (Cf. OMENA, 2003; LOPES, 1998, 2004; FERNANDES, 2004; ZILLES, 2007, entre outros) tendem a mostrar que, nas variedades do português brasileiro, a variante *a gente* é a forma pronominal preferida, chegando a atingir, segundo Lopes (2012), um percentual de 79% em João Pessoa, 71% em Vitória e 70% em Porto Alegre, conforme gráfico abaixo.

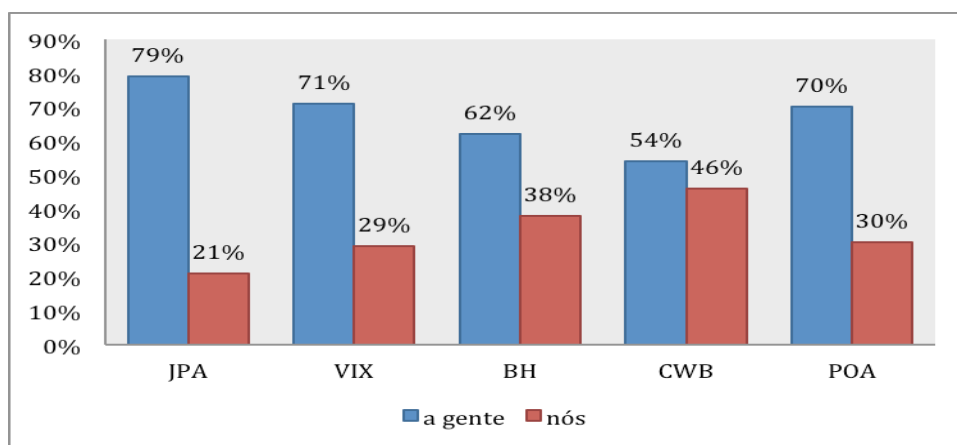


Gráfico 1: Realizações de *nós* e *a gente* entre falantes cultos e não-cultos
 Fonte: Adaptado de Lopes (2012, p. 132)

Quanto aos fatores linguísticos e sociais que favorecem e desfavorecem as realizações dessas variantes, esses estudos tendem a mostrar que a forma inovadora *a gente* é mais frequente quando há menor diferença fônica entre as formas verbais, quando o traço do referente é [+ determinado], em formas verbais menos marcadas, quando o verbo se encontra

na terceira pessoa do singular, entre os falantes do sexo feminino, menos escolarizados e nas faixas etárias mais jovens, configurando-se, assim, um mudança em progresso.

Entre os falantes cultos, Lopes (1998) mostra que, no cômputo geral dos dados, *nós* é a forma pronominal preferida, com um percentual de 58% *versus* 42% de *a gente*, sendo essa variação condicionada pelos grupos de fatores paralelismo formal, sexo associado à faixa etária, saliência fônica, região geográfica, eu-ampliado, tempo verbal e modalização discursiva. Em relação à variável região geográfica, a autora pontua que o Rio de Janeiro apresenta-se como a capital mais inovadora, apresentado um percentual de 59% de *a gente* *versus* Porto Alegre e Salvador que preferem o uso de *nós*, conforme gráfico abaixo.

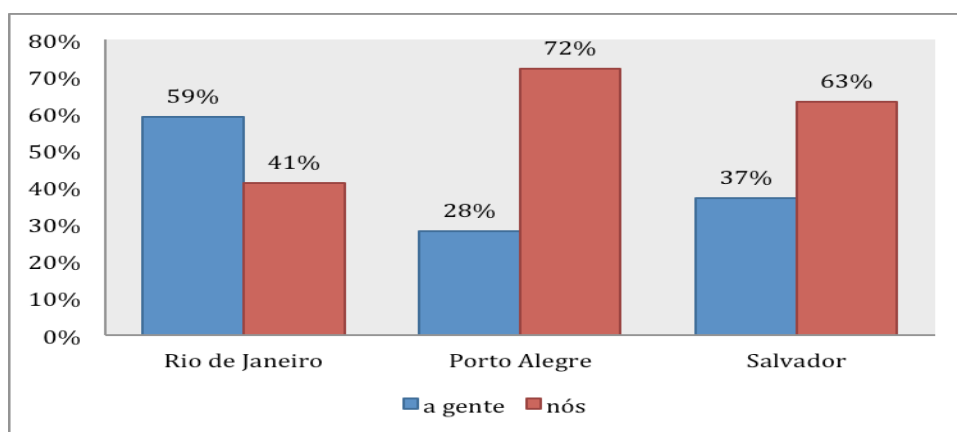


Gráfico 2: Realizações de *nós* e *a gente* entre falantes cultos
Fonte: Adaptado de Lopes (1998, p. 12)

Zilles (2007), ao analisar o que a fala e a escrita revelam sobre a avaliação social do uso de *a gente*, não só destaca que, em todo o país, há um crescente aumento da variante inovadora, como também mostra a relevância dos fatores sociais faixa etária, gênero e década da entrevista no uso da forma pronominal *a gente*, revelando que os jovens apresentam um percentual maior de realização de *a gente*, as mulheres tendem a utilizar mais a variante inovadora e, da década de 1970 à década de 1990, há um aumento no uso desse pronome.

É a partir desses estudos que analisaremos as realizações das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de crianças maceioenses. Nosso intuito é desvendar o caminho através do qual a forma inovadora *a gente* gradativamente se espraia pelo quadro de pronomes pessoais do português brasileiro tomando por base a fala de crianças em início de atividade escolar, tendo em vista que sabemos pouco “do que a criança pré-escolar sabe, antes do contacto, ou do pouco contacto, com a escrita” (KATO, 2013, p. 153).

Metodologia da pesquisa

O que propomos, neste trabalho, é traçar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]), o perfil sociolinguístico das crianças da cidade de Maceió/AL em relação à realização das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição sintática de sujeito, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(1) pra chupar laranja – comer goiaba – maçã um monte de coisa e eu – *nós* vamos pra lá pra casa da minha vó. (C3L2L1636)

(2) *a gente* ficou conversando – Ø assistiu filme (C1L3L332)

Para a descrição e análise dos dados, recorreremos ao banco de dados do Projeto LUAL – A Língua Usada em Alagoas – do PPGLL da UFAL e utilizamos uma amostra sincrônica coletada na década de 1980 em ambiente escolar. A amostra é composta por produções espontâneas da fala de 64 crianças maceioenses entre 7 e 12 anos de idade e está estratificada de acordo com a variável sexo – 32 meninos e 32 meninas.

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e controlamos, além da variável dependente *nós* e *a gente* na posição de sujeito, os seguintes grupos de fatores: preenchimento do sujeito, marca morfêmica, paralelismo formal, tempo verbal, saliência fônica e sexo.¹

Nossa hipótese é a de que o pronome *a gente* será mais utilizado para representar a primeira pessoa do plural, corroborando os estudos que mostram que, nas variedades do português brasileiro, *a gente* é o pronome preferido, sendo suas realizações favorecidas pelos seguintes contextos: sujeito preenchido, marca morfêmica zero – P3, antecedido por *a gente*, verbo no presente e pretérito imperfeito, menos saliência fônica e sexo feminino.

¹ Excluímos da análise dos dados o grupo de fatores traço do referente, tendo em vista que, na análise dos dados, só houve três realizações que apresentaram o referente com o traço [+arbitrário].

Descrição e análise dos dados

Variável dependente

Após a análise dos dados, obtivemos um total de 384 realizações das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito, que estão distribuídas da seguinte forma: 67 realizações do pronome *nós* e 317 realizações do pronome *a gente*. Esses dados representam percentuais de 17% de *nós* contra 83% de *a gente*, conforme observamos no gráfico abaixo.

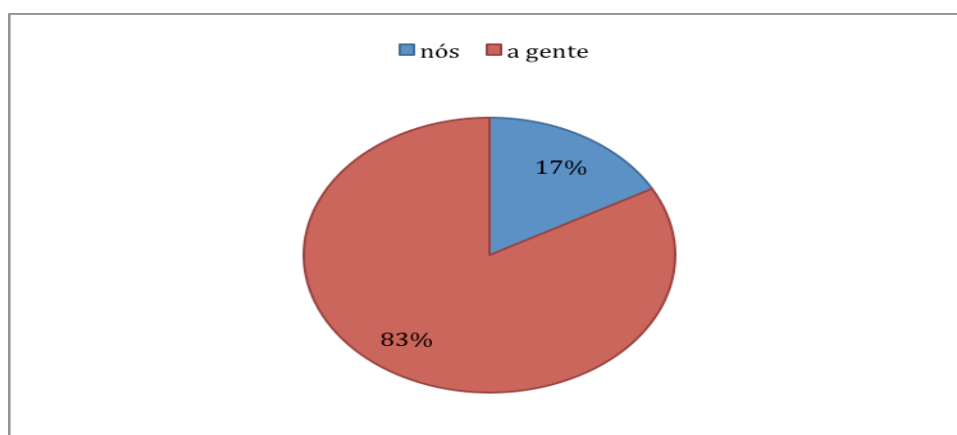


Gráfico 3: Percentuais de *nós* e *a gente* na fala de crianças maceioenses

Esses resultados mostram que, na fala das crianças da cidade de Maceió/AL, *a gente* é a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural, o que não só confirma a nossa hipótese de trabalho, como também vai ao encontro das pesquisas sociolinguísticas sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito que têm apontado para um uso cada vez mais frequente do pronome *a gente* em substituição ao pronome *nós*.

Em relação aos grupos de fatores selecionados como potencialmente relevantes na variação em estudo, observamos, após a rodada dos dados, que, dentre as seis variáveis independentes controladas, quatro foram consideradas estatisticamente significativas pelo programa computacional GOLDVARB X, a saber, marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e sexo.

Marca morfêmica

A primeira variável selecionada pelo GOLDVARB X diz respeito à concordância verbal estabelecida com as formas pronominais *nós* e *a gente*. De acordo com os dados analisados, observamos duas possibilidades de concordância verbal com as formas pronominais *nós* e *a gente*, a saber, *nós* e *a gente* + P3 (morfema zero), como observamos em (3) e (4), e *nós* e *a gente* + P4 (morfema *-mos*), como observamos em (5) e (6).

(3) eu pego ela no braço aí fica – *nós fica* brincando de boneca – aí eu e meu irmão brinca de boneca lá em casa (C3L8L2162)

(4) porque *a gente joga* pra fazer o gol (C1L8L1800)

(5) *nós conversamos* \emptyset *lanchamos* (C5L11L2682)

(6) não – *a gente* assim aprende assim né como plantar esses negócio mas \emptyset nunca *plantamos* (C2L5L505)

Para a descrição e análise dos dados, consideramos os fatores *morfema zero* e *morfema -mos* e partimos do pressuposto de que a desinência da primeira pessoa do plural (morfema *-mos*) inibirá o uso da variante *a gente*, mostrando, assim, que tal forma pronominal será favorecida pelo verbo na terceira pessoal do singular – P3 ou morfema zero.

Fatores	NÓS			A GENTE		
	Aplic / Total	%	PR	Aplic / Total	%	PR
Morfema <i>-mos</i>	52 / 55	96%	.99	3 / 55	4%	.01
Morfema zero	15 / 329	5%	.20	314 / 329	95%	.80

Tabela 1: Realizações de *nós* e *a gente* em relação à marca morfêmica

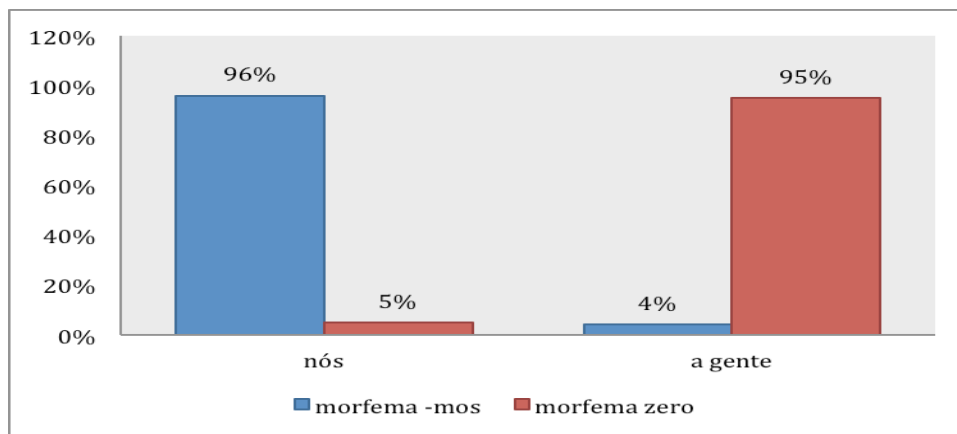


Gráfico 4: Percentuais de *nós* e *a gente* em relação à marca morfêmica

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que enquanto o *morfema -mos* favorece a realização da forma pronominal *nós*, o *morfema zero*, por sua vez, favorece a realização da forma pronominal *a gente*, confirmando a nossa hipótese de que, na fala das crianças maceioenses, o uso de *a gente* é preferencial com o verbo na terceira pessoa do singular – 95% versus 4% de *a gente* com verbo na primeira pessoa do plural.

Os pesos relativos confirmam os resultados percentuais, mostrando que o *morfema -mos* tende a inibir a realização de *a gente* – .01, ao passo que o *morfema zero* mostra-se como um fator altamente favorecedor ao uso dessa forma pronominal – .80. Em relação ao uso de *a gente* + verbo na 1ª pessoa do plural, como observamos em (6), obtivemos apenas três realizações, uso que pode ser relacionado ao fato de *a gente* ser associado semanticamente ao referente no plural.

Esses resultados não só confirmam a tendência dos estudos linguísticos de que a marca morfêmica do verbo que acompanha os pronomes *nós* e *a gente* atesta que a combinação *nós* + verbo na 1ª pessoa do plural e *a gente* + verbo na 3ª pessoa do singular ainda se apresenta majoritária, como também mostram a possibilidade de realização de *nós* + verbo na 3ª pessoa do singular e *a gente* + verbo na 1ª pessoa do plural, confirmando a tendência de que a concordância verbal de primeira pessoa do plural é variável nas variedades do português brasileiro.

Paralelismo formal

Entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva (OMENA, 1996, 2003), o paralelismo formal foi a segunda variável selecionada pelo GOLDVARB X. Consideramos este grupo de fatores com o intuito de analisar se, na fala das crianças maceioenses, a preferência por determinada forma pronominal exerce influência sobre as demais numa dada sequência discursiva.

Considerando os trabalhos de Lopes (1998), Brustolin (2010) e Vianna e Lopes (2012), acreditamos que o uso de *nós* desencadeará uma série de repetições desse pronome, como observamos em (7), ao passo que o uso de *a gente* tenderá a repetição nas proposições subsequentes, como observamos em (8), constituindo, assim, um contexto favorável ao uso de *a gente*, sejam essas formas pronominais vazias ou preenchidas.

(7) boa porque *nós* tem que estudar pa prova – a prova já é quinta nesta quinta que vem dia treze – aí *nós* tem que estudar pra \emptyset tirar uma nota dez (C5L2L179)

(8) às vezes *a gente* vai pra casa da minha vó às vezes \emptyset vai pa praia no fim da semana + na casa da minha vó *a gente* fica lá conversando assim sobre o que acontece no dia a dia – em casa *a gente* fica conversando lá (C2L14L1130)

Fatores	NÓS			A GENTE		
	Aplic. / Total	%	PR	Aplic. / Total	%	PR
Realização isolada	37 / 117	32%	.87	80 / 117	68%	.13
Primeiro da série	14 / 91	15%	.72	77 / 91	85%	.28
Antecedido por <i>nós</i>	15 / 20	75%	.98	5 / 20	25%	.02
Antecedido por <i>a gente</i>	1 / 156	1%	.09	155 / 156	99%	.91

Tabela 2: Realizações de *nós* e *a gente* em relação ao paralelismo formal

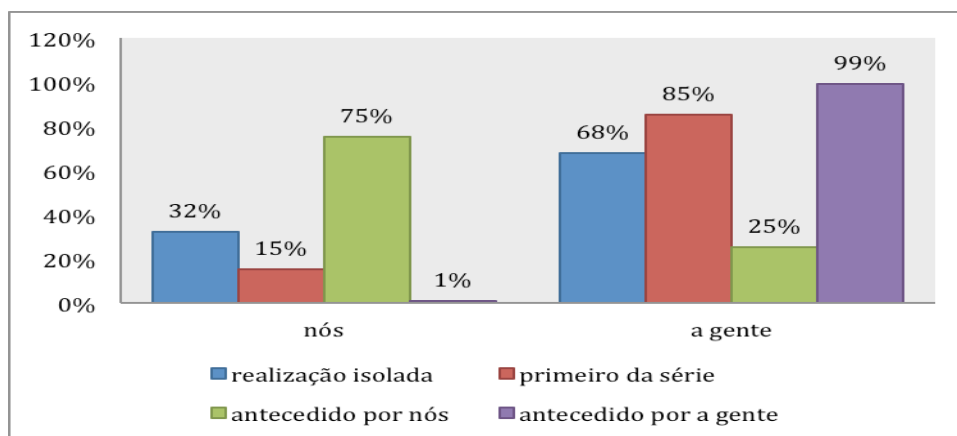


Gráfico 5: Percentuais de *nós* e *a gente* em relação ao paralelismo formal

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, tanto para o pronome *nós* quanto para o pronome *a gente*, a escolha da primeira forma pronominal condiciona a realização subsequente, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma pronominal, o que confirma a hipótese de que a preferência por determinada forma pronominal exerce influência sobre as demais formas numa dada sequência discursiva.

Em relação às realizações do *a gente* pronominal, obtivemos um percentual de 99% para o fator *antecedido por a gente* e um peso relativo de .91, mostrando que tal fator configura-se como um contexto quase categórico de realização da variante inovadora. Esses dados mostram que as crianças ao utilizarem a forma pronominal *a gente* tendem a repeti-la na mesma sequência discursiva, como observamos em (9).

(9) – a bagunça? – é – *a gente* pegou um batom que tinha quando \emptyset estudava no pré – porque uma umas meninas pegou um batom aí passou na porta e *a gente* ficou melando todo de tinta (C1L2L210)

De maneira oposta, quando a referência à primeira pessoa do plural é antecedida por *nós*, como observamos em (10), a tendência é que haja pouca realização da variante inovadora. Obtivemos aqui apenas cinco ocorrências de *a gente*, apresentando um percentual de 25% e um peso relativo de .02, o que nos mostram que, nesse contexto, houve um

probabilidade muito baixa dessa forma pronominal, configurando-se, como um ambiente linguístico que menos favorece a realização de *a gente*.

(10) *nós* só canta uma musiquinha *a gente* faz os gestos ca tia faz (C2L11L1013)

No que diz respeito aos fatores *realização isolada* e *primeiro da série* também verificamos que são contextos que tendem a desfavorecer o uso de *a gente* pronominal. No fator *realização isolada*, como observamos em (11), obtivemos um percentual de 68% e um peso relativo de .13 e, no fator *primeiro da série*, como observamos em (12), obtivemos um percentual de 85% e um peso relativo de .28.

(11) *a gente* viajou em carnaval pra Barra de São Miguel (C2L14L1103)

(12) *a gente* brincou a gente tava pegando carangueijo eu e o meu colega até pediu pu cara andar de cavalo aí ele deixou a gente correr de cavalo – lá Ø ficou jogando futebol (C2L9L904)

Preenchimento do sujeito

A terceira variável selecionada diz respeito à expressão nula ou plena do sujeito pronominal. Consideramos este grupo de fatores com o intuito de observar se o preenchimento ou não do sujeito condiciona o uso de *nós* e *a gente*, e verificar o reflexo desse uso na variação do preenchimento do sujeito, uma vez que estudos linguísticos mostram que o português brasileiro tende a realizar foneticamente o sujeito pronominal (DUARTE, 1995).

Para tanto, não só partimos dos pressupostos de que, na fala de crianças maceioenses, a realização fonética do sujeito apresentará um percentual maior de realização, como observamos em (13) e (14), como também consideramos que o fator *expressão plena* favorecerá a realização da forma pronominal *a gente*, tendo em vista que esse pronome tende a acompanhar o verbo na terceira pessoa do singular – P3, como observamos em (15).

(13) – *nós* vamos pra lá pra casa da minha vó (C3L2L1636)

(14) sim *a gente* fica brincando *a gente* às vezes pega um frasquinho (C2L14L1182)

(15) ela é boazinha – *a gente* vem aí comer – *a gente* vai lanchar ali – *a gente* vai pro encontro – *a gente* lancha e depois quando toca *a gente* vai pra sala (C5L9L1967)

Fatores	NÓS			A GENTE		
	Aplic. / Total	%	PR	Aplic. / Total	%	PR
Expressão plena	12 / 243	5%	.29	231 / 243	95%	.71
Expressão nula	55 / 141	39%	.83	86 / 141	61%	.17

Tabela 3: Realizações de *nós* e *a gente* em relação ao preenchimento do sujeito

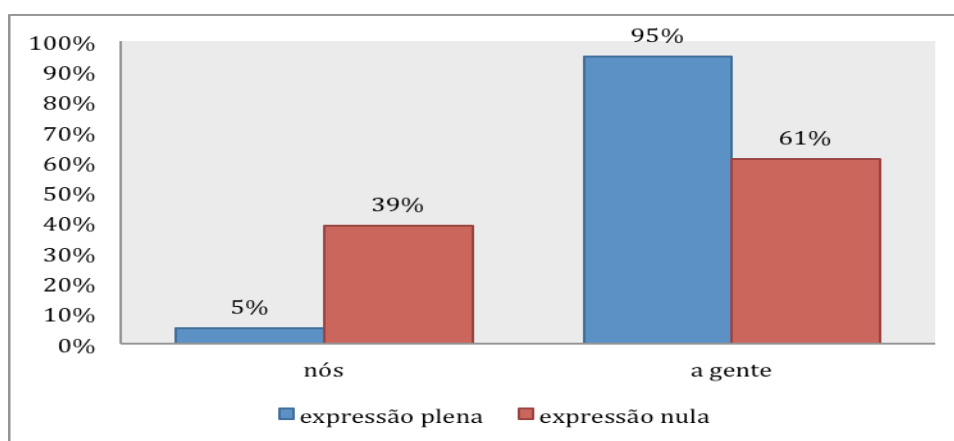


Gráfico 6: Percentuais de *nós* e *a gente* em relação ao preenchimento do sujeito

De acordo com os resultados obtidos, verificamos, conforme esperávamos, que a forma pronominal *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, mostrando, assim, percentuais de 95% para a expressão plena *versus* 61% para a expressão nula. Os pesos relativos reafirmam os resultados percentuais, demonstrando que *a gente* tem probabilidade maior de ocorrer quando foneticamente realizado – .71, ao passo que a realização nula tende a desfavorecer seu uso – .17.

Em relação ao reflexo das realizações de *nós* e *a gente* na variação do preenchimento do sujeito, verificamos que, das 384 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala de crianças maceioenses, 243 apresentaram o sujeito preenchido e 141 o sujeito nulo,

representando, respectivamente, percentuais de 63% e 37%. Esses dados vão ao encontro dos estudos linguísticos (DUARTE, 1995; CAVALCANTE, 2001) que mostram que, no português brasileiro, o sujeito pronominal referencial tende a ser realizado foneticamente.

Sexo

A variável sexo foi o último grupo de fatores apontado como condicionante na variação em estudo. Em nossa análise, não só partimos do pressuposto de que homens e mulheres diferem quanto aos usos dos padrões linguísticos, como também objetivamos verificar se o pronome *a gente*, como observamos em (16), tende a ser mais frequente entre as crianças do sexo feminino, uma vez que estamos diante de uma variante não marcada socialmente.

(16) meus colegas são bom – é eu gosto da minha escola – fico brincando – com ele –
 xx eu desenho *a gente* vai lá pra trás da classe – Ø fica desenhando (C1L2L464)

Fatores	NÓS			A GENTE		
	Aplic. / Total	%	PR	Aplic. / Total	%	PR
Masculino	40 / 175	23%	.60	135 / 175	77%	.40
Feminino	27 / 209	13%	.43	182 / 209	87%	.57

Tabela 4: Realizações de *nós* e *a gente* em relação ao sexo

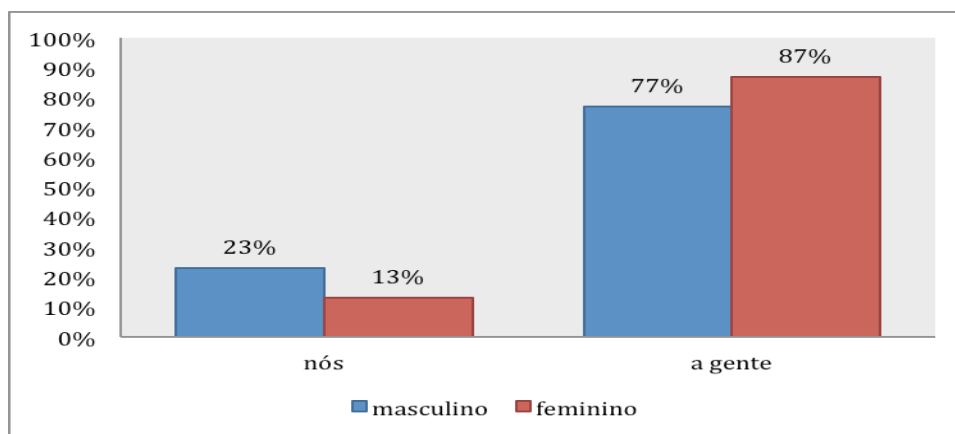


Gráfico 7: Percentuais de *nós* e *a gente* em relação ao sexo

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que a forma pronominal *a gente* apresenta um percentual maior de realização entre as crianças do sexo feminino – 87% *versus* 77% para as crianças do sexo masculino. Os dados em pesos relativos reafirmam os dados percentuais de que as meninas tendem a favorecer o uso de *a gente* – .57, ao passo que os meninos tendem a desfavorecê-lo – .40, confirmando, assim, a nossa hipótese.

Esses resultados vão na mesma direção dos dados obtidos por Brustolin (2010) para a análise da fala de alunos do ensino fundamental, que mostram que *a gente* é o pronome mais frequente entre os informantes do sexo feminino. Na fala adulta, estudos sociolinguísticos (LOPES, 1998; ZILLES, 2007; VIANNA; LOPES, 2012) também mostram que as mulheres, de modo geral, tendem a utilizar mais a forma pronominal *a gente*.

Conclusão

Tendo em vista que *a gente* é a forma pronominal preferida nas variedades do português brasileiro, focalizamos, neste trabalho, a variação dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL, com o intuito de verificar a frequência de uso dessas formas pronominais e elencar os grupos de fatores que condicionam tal variação.

Os resultados a que a análise nos permitiu chegar mostram que *a gente* é a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural, o que confirma a nossa hipótese de trabalho e vai ao encontro das pesquisas sociolinguísticas, mostrando, assim, que a fala das crianças opera de acordo com o que está descrito para a fala de adultos.

Em relação às variáveis estatisticamente significativas, verificamos que os grupos de fatores marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e sexo condicionam tal variação, com *a gente* pronominal sendo favorecido nos seguintes contextos: morfema zero, antecedido por *a gente*, sujeito preenchido e sexo feminino.

Referências

BRUSTOLIN, A. Uso e variação de *nós* e *a gente* na fala e escrita de alunos do ensino fundamental. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Santa Catarina, 2010.

CAVALCANTE, A. *O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso*. (Tese de Doutorado). PPGLL/UFAL, 2001.

DUARTE, E. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. (Tese de Doutorado). Unicamp, 1995.

ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. (org). *The handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, p. 151-67, 1998.

FERNANDES, E. Fenômeno variável: *nós e a gente*. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.

KATO, M. A gramática nuclear e a língua-I do brasileiro. In. MARTINS, M. (Org.). *Gramática e ensino*. Natal: EDUFRN, 2013.

LABOV, W. The child as linguistic historian. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press, n. 1, p. 85-97, 1989.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, C. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. DELTA, v. 14, n. 2, 1998.

LOPES, C. De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição. IN: ALKIMIN, T. (Org). *Para a história do português brasileiro*. Vol. III, São Paulo: FLP/USP, 2002.

LOPES, C. *A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

LOPES, C. *O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino*. Matruga, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, jan./jun. 2012.

MAIA, F. A variação *nós / a gente* no dialeto mineiro: investigando a transição. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 2, p. 45-70, 2009.

OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (orgs). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.

OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M.; DUARTE, E. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

ROBERTS, J. *Acquisition of variable rules: (-t, d) deletion and (ing) production in preschool children*. Faculties of the University of Pennsylvania, 1994.

ROBERTS, J. Child language variation. In: CHAMBERS, J.; SCHILLING, E.; TRUDGILL, P. (Orgs.). *The handbook of language variation and change*. Australia, Blakwell Publishing Ttd, p. 333-348, 2002.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X*: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SEARA, I. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Revista Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2002.

VIANNA, J.; LOPES, C.. A variação entre *nós* e *a gente*: uma comparação entre o português europeu e o brasileiro. *Revista do GELNE*, v. 14, p. 95-116, 2012.

ZILLES, A. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

Artigo recebido em: 23/08/2015

Artigo aceito em: 24/11/2015

Artigo publicado em: 28/12/2015